

ATMOSFERAS, SONS E SENSIBILIDADES
ATMOSPHERES, SOUNDS AND SENSITIVITIES
AMBIANCES, SONS ET SENSIBILITES
AMBIENTE, SONIDOS Y SENSIBILIDADES

Paula Guerra

Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, Dinâmia'CET, Griffith Centre for Cultural Research, Porto, Portugal

Lígia Dabul

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Rio de Janeiro, Brasil

A música e o *music-making* são, desde logo, temáticas que se destacam neste Número 2 do Volume 4 da nossa revista. Assim, pareceu-nos lógico que o foco desta introdução fosse a/na música. Porventura, também nos parece válido referir que escrever sobre música pressupõe a impregnação de um carácter pessoal e até sentimentalista. Existem milhares de músicas. Um número impossível de contar, tal como as casas decimais de Pi (π). Apesar de a música ser infinita, no seu sentido material e imaginário, mesmo assim ela permite descortinar mundos de possibilidades nas mentes e nos corpos de quem a cria, divulga e ouve. Deste modo, a música é um ato libertador, que nos abre os horizontes, mas que também nos restringe e obriga a lidar com as nossas emoções. Assim, encarámos a música como um microcosmo do *self* e da sociedade onde nos inserimos.

Quando começámos a escrever esta introdução, decidimos que durante um dia iríamos contabilizar a frequência com que a música marcava os nossos quotidianos. O nosso encontro com a música começou às 7h00 da manhã, com o despertador a tocar uma música dos Chromatics. Levantamo-nos, ainda ensonados, e seguimos para o banho matinal, acompanhados pela playlist recomendada pelo YouTube. Mais tarde, já às 8h00 da manhã, navegamos pelo trânsito, pelo caos e pela *lufa lufa quotidiana* (Pais, 2010) ao som da rádio no nosso carro. Chegámos ao local de trabalho, e à medida que nos preparámos para ler os primeiros e-mails, já estamos com a rádio online sintonizada. Durante o almoço, ouvimos as músicas dos cafés e dos restaurantes, mas também as músicas que tocam nas colunas de jovens que passeiam ou que caminham para as escolas. Regressámos ao trabalho e a mesma dinâmica continua. Bem mais tarde, já de regresso a casa, ouvimos as músicas que passam nos intervalos dos programas televisivos. No dia seguinte, quase tudo se repete.

A música não é só consumida e absorvida por nós, a mesma também emerge como uma moeda de troca. Partilhámos a música que gostámos, comentámos as canções que menos gostámos e organizámos viagens em torno da música. De acordo com Rentfrow (2012), a música é ubíqua. Esta constatação é tanto mais evidente quando remetemos ao nosso passado, uma vez que no século XIX, apenas se podia ouvir música em concertos, porém, com a evolução dos meios tecnológicos e com os média cada vez mais insurgentes, a música passa a ser uma constante dos quotidianos. Na verdade, este tema da música na vida de todos os dias tem sido amplamente estudado por sociólogos como Simon Frith (2011) ou Tia DeNora (2000). A música, ao estar presente nos quotidianos (Guerra *et al.*, 2019), cria uma espécie de atmosfera que envolve os espaços e os indivíduos. Riedel (2020) infere que as atmosferas criadas pela música, tal como na literatura, envolvem os indivíduos em experiências transpessoais, bem como originam sentimentos (Guerra, 2021a). As atmosferas que se criam através da música, dão origem a espaços intermédios, que cruzam as dimensões objetivas e subjetivas das experiências e das vivências dos indivíduos (Hennion, 2007).

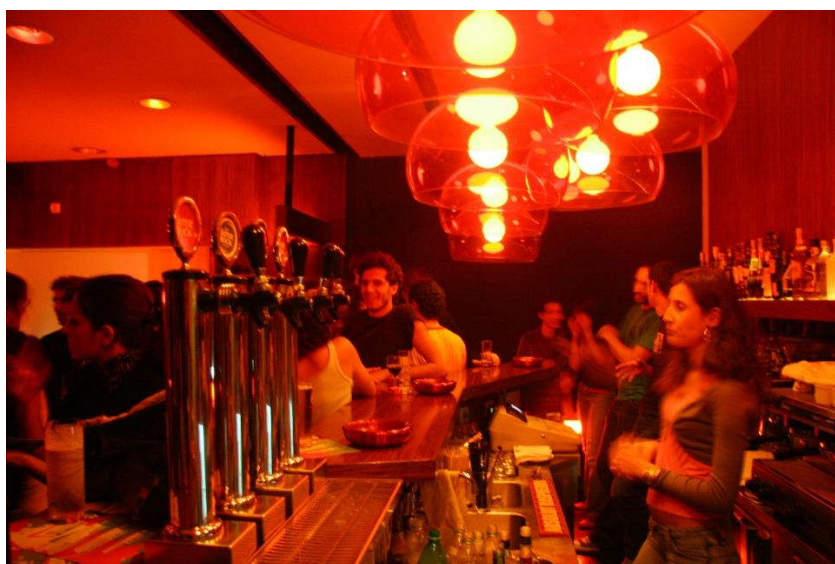


Figura 1: Experiências corpóreas-sociabilitárias de audição de música I
Fonte: musiCULT, 2010.

A música e o som, então, são termos frequentemente utilizados para descrever atmosferas vividas e, por isso, quer as atmosferas – do ponto de vista subjetivo – quer as músicas, são dotadas de um profundo caráter e simbolismo emocional (Stewart, 2011). Neste nível, e pensando que todos os artigos que compõem este número se focam em casos específicos que, do nosso ponto de vista, culminam no conceito de atmosferas, importa aferir que esta introdução e este número da revista *Todas as Artes* vai ao encontro de uma microsociologia. Por conseguinte, aferimos que a microsociologia (Fuente & Walsh, 2020) e o conceito/noção de atmosfera coincide na preocupação sob a forma de funcionamento dos mundos mundanos. Além do

mais, tal questão está espelhada no mais recente livro de Sumartojo e Pink (2019), no sentido em que buscam compreender de que modo os sons, entre outros elementos, possibilitam a criação de dimensões afetivas, materiais, sociais e tecnológicas, fundamentais na (des)(re)estruturação vida quotidiana (Guerra, 2021b).

Nesta introdução, cotejámos que tanto as abordagens ecológicas como as aproximações teóricas do interacionismo simbólico, partilham um entendimento comum acerca da música, enquanto potenciadora de uma visão singular acerca da vida social. Do ponto de vista ecológico, é de ressaltar o trabalho de Tim Ingold (2015), sendo que este insiste nos seus trabalhos que a música é uma espécie de modelo sobre os modos como o mundo regista uma perceção sensorial. Mais, o autor refere que a música consiste numa sinergia entre performance, acordes vibrantes e sons que tocam na emoção de cada indivíduo. Acrescenta ainda que tanto os sons como os sentimentos partilham qualidades que se intersejam (Guerra, 2021c). Autores como Vannini e Waskul (2006) sugerem que as melodias, as harmonias e os ritmos que compõem uma música, podem ser vistas como metáforas das interações – encontros, rituais - que pautam a vida quotidiana. A música possui uma capacidade inelutável de moldar as atmosferas espaciais e subjetivas, reflete os modos como o som forma e informa o indivíduo acerca do seu sentido de *self*, que, por sua vez, se relaciona e (re)configura numa multiplicidade de espaços e identidades. Estamos, portanto, perante lógicas de economias corporais, nos mesmos moldes como infere Böhme (2000). O som e a música constituem um paradigma de entendimento sob os modos como as experiências ambientais são sentidas e fundidas em panos de fundo repletos de significados, daí que Thibaud (2011) refira mesmo que o próprio corpo emerge como uma câmara de ressonâncias atmosféricas que evocam a capacidade desse mesmo corpo incorporar e ser incorporado por forças sonoras. Também, numa dimensão prosaica, estas atmosferas que se criam em torno do som e da música, influenciam as identidades espaciais e a historicidade sensorial. E em última análise, a diacronia dos tempos e espaços históricos: basta lembrar a importância das bandas sonoras na reconfiguração das memórias (Guerra, 2021d).

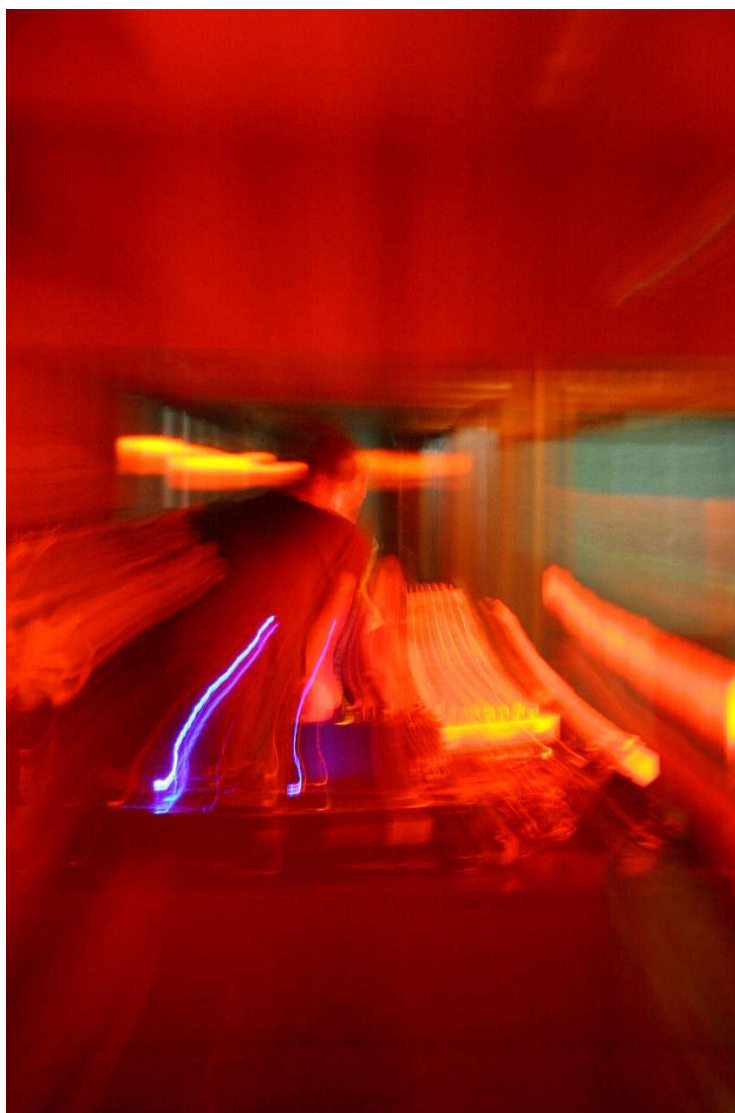


Figura 2: Experiências corpóreas-sociabilatórias de audição de música II
Fonte: musiCULT, 2010.

Posto isto, de seguida iremos apresentar os artigos, registos de pesquisa e resenhas que, do nosso ponto de vista, materializam estas atmosferas sonoras e rítmicas. Assim, o primeiro artigo deste Volume 4, número 2, intitulado “Repensar a cultura DIY num contexto pós-industrial e global”, de Andy Bennett e Paula Guerra, assume um interesse particular. Trata-se de uma tradução para língua portuguesa feita por Ana Oliveira de um capítulo marcante em torno das culturas *do-it-yourself* e as cenas musicais *underground*. Este artigo, na verdade, transporta-nos para outro tipo de atmosferas, nas quais a produção musical toma conta do ambiente e das simbologias. O autor enfatiza a cultura *do-it-yourself* como um *ethos* de resistência à indústria e à música *mainstream*, mas também a enquadrar como uma estética mais amplamente endossada que sustenta uma ampla esfera de produção cultural alternativa. Neste artigo, a música e a produção musical surgem associadas às práticas e às simbologias do *fazer punk* na sociedade portuguesa contemporânea.

No segundo artigo, “Arquétipos da Pós-Modernidade: Celebidades e Capitalismo Contemporâneo”, Roney Gusmão propõe uma abordagem ao modo como as celebridades contemporâneas expressam o tempo histórico ao qual chamamos de pós-moderno. O autor, tendo como foco a artista Madonna, considerada como a rainha da *pop* conduz-nos num percurso de concetualização da sua carreira, conjugando-a com as evoluções do capitalismo tardio e da pós-modernidade. Se anteriormente referíamos a importância do som e da música junto dos seus recetores, também importa notar que este artigo nos faz atentar aos modos como as simbologias referentes ao campo da criação artística se alteram em função de atmosferas e dos interesses dos intermediários da indústria cultural.

Seguidamente, no terceiro artigo, falamos de atmosferas próprias que se materializam nos corpos. No artigo “António Variações: Retrato do cantor enquanto jovem inserido na sua geração artística e nas respetivas problemáticas identitário-culturais”, de Luís Carlos S. Branco, patenteia-se uma reflexão centrada num processo de *revival* em torno de uma das luminárias da história do *pop-rock* português: António Variações. Concomitantemente, o Luís Carlos S. Branco busca fornecer um entendimento sobre este performer, inserindo-o no quadro maior das problemáticas socioculturais com as quais se debatia a sua geração artística e que eram também, em grande medida, as de Variações. Com efeito, o foco deste artigo são as questões identitárias, mas também o seu percurso enquanto jovem artista.

Em “A ‘coletivização’ das instituições de arte contemporânea”, Ana Carolina Freire Accorsi Miranda realiza uma análise sociológica do processo de aproximação da arte contemporânea brasileira face a iniciativas colaborativas, centrando-se nas curadorias de duas instituições de arte localizadas na cidade do Rio de Janeiro: o Museu de Arte do Rio e o Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, entre os anos de 2013 e 2019. Neste artigo, estão em jogo as identidades coletivas, isto é, as simbologias e as vivências partilhadas que, como abordámos previamente, são um elemento fundamental das vidas quotidianas e do consumo de artes, quer se trate de música ou de outras expressões artísticas. Aliás, esta partilha coletiva enfatizada neste artigo materializa-se na disseminação e/ou defesa de um discurso não-hierárquico e mais colaborativo no mundo da arte contemporânea.

Claudina Azevedo Maximiano, com o seu artigo intitulado “Adolescentes e jovens indígenas: Participação política no Rio Negro”, propõe uma reflexão inicial sobre o processo de participação política dos jovens indígenas no rio Negro a partir da análise das iniciativas de mobilização/organização de um “novo sujeito político” no cenário do movimento indígena e do contexto social da referida região. Deste modo, a autora busca uma compreensão do processo de articulação/mobilização de jovens indígenas na luta por espaços sociais de poder e apresenta, a partir desse contexto, o surgimento de um discurso em torno de um sujeito pluriétnico, autodenominado

como “adolescentes e jovens indígenas”. Na verdade, estamos perante um contributo teórico que vai ao encontro das relações e dos modos de atuação dentro de uma atmosfera partilhada e simbólica que tem também na música muitas das suas principais manifestações sensíveis.

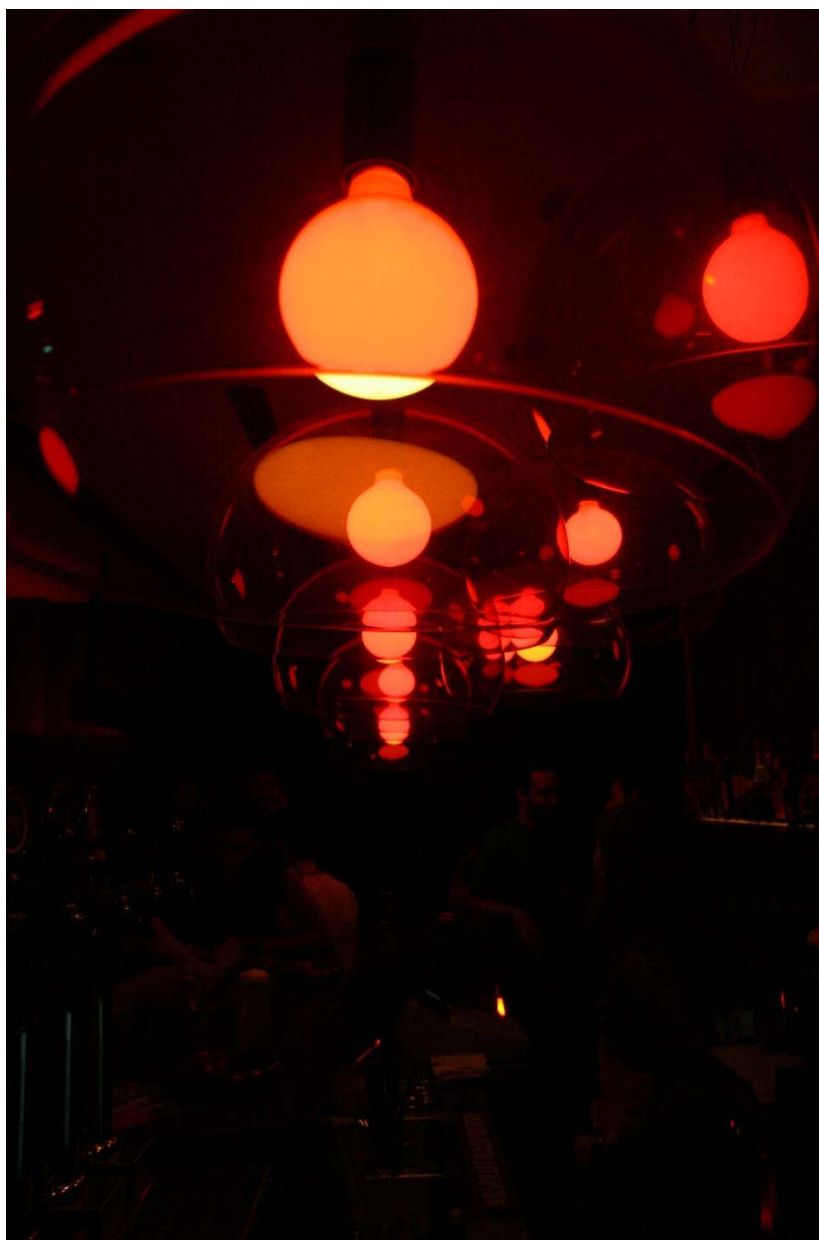


Figura 3: Experiências corpóreas-sociabilatórias de audição de música III
Fonte: musiCULT, 2010.

Priscila Alvarez-Cueva e Sofia Sousa em “Flores and ‘Tijeras’: A feminist reivindication of Quechua and Indegenous women through a fusiono n andean-trap music” exploram a canção. A música. Destacam a canção “Tijeras”, de Renata Flores, com o objetivo de identificar como a narrativa da mensagem é construída na canção e que elementos acompanham a representação e como eles dialogam. Para tal, as autoras realizam uma leitura aprofundada, onde identificam cinco áreas que

permitem compreender a canção como uma arma de protesto e reivindicação, não só das mulheres indígenas, mas também da língua *quechua*. Este artigo discute a fusão que Renata Flores faz entre as montanhas, a rua e o gênero musical, ao mesmo tempo que promove uma mensagem feminista de união para enfrentar a violência de gênero.

No que concerne aos registros de pesquisa, Henrique Grimaldi Figueredo, em “Simon contra: Etnografias de um jovem artista”, centra-se em Simon Contra, um exímio exemplo de um jovem artista criando e circulando pelo campo da arte. Fazendo uso da etnografia, uma conversa aberta e colaborativa onde as perguntas servem mais como provocações do que esperam recolher uma resposta apropriada, o autor busca prover um retrato impreciso da juventude criativa e de seus modos de enfrentamento no campo cultural. Mais acrescentamos, busca perspetivar as dinâmicas de interação entre o indivíduo, as atmosferas e os campos simbólicos de interação.

Por fim, apresentamos uma resenha ao livro de António Damásio “A estranha ordem das coisas: a vida, os sentimentos e as culturas humanas”, de Luís Carlos S. Branco. Esta resenha provê uma relação entre um médico e neurocientista com as artes, a cultura, a literatura, e enfim, a invenção e a criatividade humana. Então, o autor irá explicar em que consiste essa teorização damasiana sobre as artes e a cultura e sua relevância para a compreensão contemporânea das atmosferas e dos sensíveis artísticos.

Porto e Rio de Janeiro, outubro de 2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Böhme, Gernot (2000). Acoustic atmosphere: A contribution to the study of ecological aesthetics. *Soundscape: The Journal of Acoustic Ecology*, 1(1), 14-19.
- DeNora, Tia (2000). *Music in everyday life*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fuente, Eduardo de la & Walsh, Michael James. (2020). Framing atmospheres: Goffman, space, and music in everyday life. *Symbolic Interaction*, 44 (1), 211-234.
- Frith, Simon (2011). Music in everyday life. In Clayton, Martin; Herbert, Trevor & Middleton, Richard (Eds). *The cultural study of music. A critical introduction* (pp. 19-32). London: Routledge.
- Guerra, Paula; Brandão, Marcílio Santos & Sarrouy, Alix Didier (2019). Antoine Hennion: música, mediações e amadores. *Estudos de Sociologia*, 2(25), 29-49.
- Guerra, Paula (2021a). Sons, corpos e lugares. Para uma metonímia das cidades musicais contemporâneas. *CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 33, 171-197.
- Guerra, Paula (2021b). Continuarei em busca do meu lugar. Mulheres, migrações e música. *NAVA*, v. 6 n. 1 e 2. agosto 2020/2021, 42-70.
- Guerra, Paula (2021c). O que tem o rock a ver com Bourdieu? Contributos acerca da aplicação da teoria dos campos ao rock alternativo português (1980-2010). *CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 32, 135-160.
- Guerra, Paula (2021d). So Close Yet So Far: DIY Cultures in Portugal and Brazil. *Cultural Trends*, 30 (2), 122-138.
- Hennion, Antoine (2007). *La passion musicale. Une sociologie de la médiation*. Paris: Éditions Métailié.
- Ingold, Tim (2015). *The life of lines*. London: Routledge.

- Pais, José Machado (2010). *Lufa-lufa quotidiana. Ensaio sobre cidade, cultura e vida urbana*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Riedel, Friedland (2020). Atmospheric relations: Theorizing music and sound as atmosphere. In Riedel, Friedland & Torvinen, Juha (Ed). *Music as atmosphere: Collective feelings and affective sounds* (pp.1-42). London: Routledge.
- Stewart, Kathleen (2011). Atmospheric attunements. *Environment and Planning D: Society and Space*, 29(3), 445–453.
- Sumartojo, Shanti & Sarah Pink (2019). *Atmospheres and the experiential world: Theory and methods*. Oxon: Routledge.
- Thibaud, Jean-Paul (2011). A sonic paradigm for urban studies. *Journal of Sonic Studies* 1(1). Disponível em: <https://www.researchcatalogue.net/view/220589/220590>.
- Vannini, Phillip & Dennis Waskul (2006). Symbolic interaction as music: The esthetic constitution of meaning, self, and society. *Symbolic Interaction*, 29(1), 5–18.

Paula Guerra. Doutora em Sociologia. Professora de Sociologia da Faculdade de Letras e Investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Professora Adjunta no Griffith Center for Social and Cultural Studies na Austrália. Investigadora colaboradora no Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território e no DINÂMIA'CET-IUL - Centre for Socioeconomic Change and Territorial Studies, Portugal. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal. E-mail: pguerra@letras.up.pt. ORCID: 0000-0003-2377-8045.

Lígia Dabul. Doutora em Sociologia. Professora Colaboradora dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Nectar – Núcleo de Estudos Cidadania, Trabalho e Arte da Universidade Federal Fluminense. Poeta. Universidade Federal Fluminense, R. Miguel de Frias, 9 - Icaraí, Niterói - RJ, 24220-900, Brasil. E-mail: ligia.dabul@gmail.com. ORCID: 0000-0002-6224-9720.

Citação:

Guerra, Paula & Dabul, Lígia (2021). Atmosferas, sons e sensibilidades. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 4(2), pp. 4-11. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav4n2apr